

ALIMENTAÇÃO E RELIGIÃO

um estudo antropológico no movimento alternativo

Profa.Ms. Paula Rondinelli-Unicapital-SP.

Pretende-se, aqui apresentar uma primeira reflexão, ainda em fase exploratória, sobre um estudo que venho desenvolvendo cujo tema é a alimentação no movimento alternativo.

O ato de alimentar-se não é um objeto de interesse recente da Antropologia, como mostrou Mintz (2001). Estudos etnográficos sobre os modos de vida de populações específicas e que descreviam seus hábitos alimentares, já foram realizados inclusive por autores clássicos dessa área como Evans-Pritchard (2002). Tratada sob outro viés, a alimentação também tem espaço na obra de Lévi-Strauss (2004) quando este autor enxerga nos modos práticos de se tratar o alimento – comê-lo cru, assado, cozido ou defumado – o simbolismo que expressa a estrutura interna das sociedades. Além disso, esse tema vem instigando debates na Antropologia contemporânea, visíveis, por exemplo, nos trabalhos de Collaço (2003) em um estudo sobre os restaurantes de comida rápida.

Atualmente, em nossa sociedade, deve-se observar que alimentar-se não é simplesmente o mesmo que comer. Segundo Carneiro (2003), “a fome biológica distingue-se dos apetites, expressões dos variáveis desejos humanos e cuja satisfação não obedece apenas ao curto trajeto que vai do prato à boca, mas se materializa em hábitos, costumes, rituais, etiquetas. [...] O que se come é tão importante quanto quando se come, onde se come e com quem se come.” (p. 1-2)

No que se refere ao campo das religiões, a alimentação tem um papel fundamental no cotidiano de seus adeptos: permissões, proibições e jejuns são regulações religiosas simbólicas constantemente exercidas. Flandrin e Montanari (1998) no livro *História da Alimentação*, apresentam um panorama da alimentação no mundo, desde a pré-história até os tempos atuais. Abrangem, portanto, observações acerca das regras religiosas, que são apresentadas atravessando as normas islâmicas, judias, católicas romanas e cristãs ortodoxas, assim como suas preferências e proibições alimentares.

Nas palavras de Carneiro, também é possível verificar a importância da alimentação nas religiões:

“As regras alimentares servem como rituais instauradores de disciplinas, de técnicas de autocontrole que vigiam a mais insidiosa, diuturna e permanente tentação. Domá-la é domar a si mesmo, daí a importância da técnica religiosa dos jejuns, cujo resultado também permite a obtenção de estados de consciência alterada propícios ao êxtase. As regras disciplinares sobre alimentação podem ser anti-hedonistas, evitando o prazer produzido pelo alimento tornando-o o mais insípido possível, ou podem ser pragmáticas, ao evitar alimentos que sejam demasiadamente ‘quentes’ ou ‘passionais’. Os herbários medievais identificavam em diversos alimentos, tais como as cenouras ou alcachofras, fontes de excitação sexual. As regras budistas eliminam até mesmo a cebola, a cebolinha e o alho, por considerarem que essas inflamam as paixões.” (1993, p.119)

Assim, uma vez que a alimentação exerce papel relevante nas mais diversas religiões, e estas influenciam os modos de agir, sentir e pensar das sociedades em diferentes contextos históricos, acredita-se que o mesmo ocorra com os participantes do movimento alternativo. Ora, se Guerriero (2003), baseado nos resultados do último censo, observa que os novos movimentos religiosos têm sido o terceiro tipo de religião com maior número de adeptos no Brasil, e se o movimento alternativo está inserido nos novos movimentos religiosos, pode-se entender então que a adesão aos estilos de vida do tipo alternativo é um objeto antropológico relevante.

O movimento alternativo não tem ainda uma denominação definida por parte de seus pesquisadores: Amaral (1996) o chama de Nova Era, Soares (1989) de cultura alternativa, Magnani (1998) de movimento neo-esotérico e Tavares (1998) de nebulosa místico-esotérica. Talvez, esta discórdia se dê pela própria natureza desordenada do evento: um tipo de religiosidade que tem muitas características diferentes e se utiliza das mais diversas práticas, como ressalta Magnani (1999): “Da crença em duendes nórdicos ao uso de florais canadenses; do consumo do incenso indiano à prática da acupuntura chinesa; da meditação tibetana ao *shiatsu* japonês; dos livros de auto-ajuda americanos ao xamanismo siberiano; da bruxaria celta aos rituais dos índios da Amazônia [...]”. (p.18)

Optar-se-á pela identificação proposta por Albuquerque (1998) de movimento alternativo, já que o termo “movimento” proporciona a idéia de mutação, de oposição ao que é estático. Ao mesmo tempo, “alternativo” se apresenta como opção outra ao que está instaurado na sociedade ocidental moderna. Além disso, o termo adotado mostra um distanciamento necessário entre o pesquisador e o discurso nativo.

Foi Luis Eduardo Soares em seu artigo “Religioso por Natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil”, publicado em 1989, quem primeiro indicou a presença emergente do movimento alternativo em nosso país, e delineou

alguns de seus elementos mais aparentes como a noção de energia, obrigatoriamente presente em discursos alternativos; a tentativa de seu participante estabelecer um vínculo subjetivo com a natureza nos moldes pré-modernos; além de observar a existência de uma tentativa modernamente inusitada, de integrar corpo/mente/espírito e/ou alma.

A partir das características organizadas por Soares (1989), outros autores posteriormente se debruçaram sobre o estudo desse novo movimento religioso. Magnani (1999), por exemplo, mapeou os “espaços ideológicos e físicos” do movimento alternativo, na cidade de São Paulo, apresentando regularidades tanto no discurso dos participantes como na distribuição dos “espaços” – categoria usada pelo autor, para indicar os locais voltados às práticas alternativas.

Amaral (1998), outra autora de referência nos estudos do movimento alternativo, percebeu a forma mutante do movimento. Segundo ela, o movimento alternativo não apresenta limites definidos e, constantemente, novos elementos vão sendo inseridos a este universo, reformulando o seu contorno. Tal característica é denominada, pela autora, de “sincretismo em movimento”.

Albuquerque (2001) observou a orientalização das práticas utilizadas no movimento. Segundo a autora, uma característica marcante do movimento alternativo é a apropriação de práticas advindas de vários locais do Oriente e, muitas vezes, mesclando-as com outras ocidentais, rearranjando, dessa forma, o seu significado original.

Muito embora o contexto histórico atual seja motivo de discussão entre alguns estudiosos – modernidade ou pós-modernidade? – Bauman (1997), ao se voltar para uma reflexão acerca da sociedade pós-moderna, observa o movimento alternativo como um tipo de religiosidade que carrega características próprias da pós-modernidade, como a tentativa de aliar valores modernos aos pré-modernos. Tais valores se refletem em um estudo sobre as mulheres participantes do universo alternativo: verificou-se que elas têm um estilo de vida moderno – voltado ao mercado de trabalho e, conseqüentemente, à independência financeira – e, por meio das práticas desse universo, elas buscam aliar seu modo de vida a um resgate de valores pré-modernos – como a maternidade, a sensualidade, a feminilidade, entre outros – resultando em uma mulher tipicamente pós-moderna. (RONDINELLI, 2002)

A relação das características anteriormente apresentadas do movimento alternativo pode dar a idéia de que esse seja uma religiosidade homogênea, com regras dadas, rituais claros e crenças universais. No entanto, a autonomia talvez seja o mais importante de seus elementos, já que ela influencia na forma com a qual o indivíduo se relaciona com a sua religiosidade: é apresentado ao seu integrante um

extenso leque de práticas e crenças, das quais ele tem a opção de selecionar algumas – conforme seu interesse – para então montar a sua religiosidade da forma como quiser. (CAROZZI, 2000)

No que se refere à alimentação no universo alternativo, pode-se afirmar que é um assunto indicado, mas não desenvolvido por seus estudiosos. Este tema é apontado por Magnani (1999), ao apresentar a “feira de produtos orgânicos”, localizada no Parque da Água Branca, na cidade de São Paulo, como um espaço constantemente freqüentado por alternativos, devido ao seu caráter “natural”: além de vender produtos sem agrotóxicos e/ou sem hormônios, ainda oferece café da manhã colonial “natural” todos os sábados. Martins (1998) também dá a sua contribuição a partir de seu estudo quantitativo sobre o estilo de vida dos alternativos na cidade de Recife. Neste, observou que o consumo de alimentos naturais é um dos produtos alternativos mais consumidos entre eles.

Porém, é Soares (1989) quem procura lançar um olhar analítico sobre o fato do consumo de alimentos tidos como naturais, pois por meio deste emerge a noção de pureza no homem alternativo. Assim, “[...] a idéia de pureza é decisiva seja para a alimentação, seja para as terapias [...]. Pureza conduz à depuração do que é artificial e/ou poluído: o resíduo dilapidado é a natureza. No homem, puro é o espontâneo que advém de uma subjetividade equilibrada e, portanto, em certo sentido, dessubjetivizada, isto é, integrada ao corpo, ao ecossistema e ao cosmos”. (p.203)

Esta noção de pureza indicada por Soares (1989) tanto para as terapias quanto para a alimentação, vem se mostrando presente, também, para além dos limites do universo alternativo. Observa-se, atualmente, nas grandes cidades brasileiras que se tem dado preferência pelo consumo de produtos naturais em relação aos industrializados. Isso não se refere somente ao ato de alimentar-se por si só, mas, também, à substituição de medicamentos com finalidades curativas por alimentos com princípios supostamente preventivos e curativos. Acontecimento relevante ou não, pode-se afirmar que tal tendência vem sendo incentivada, inclusive, pela mídia televisiva à medida que as acreditadas propriedades dos alimentos têm sido tema de diversos episódios do programa “globo repórter” da rede globo de televisão. Nesses programas são constantes as entrevistas com médicos ou terapeutas alternativos, com o intuito de buscar legitimidade científica para o assunto.

Nesse sentido, a preocupação os hábitos alimentares vem sendo interesse da população urbana como um todo. E, a partir disso, verificou-se de maneira exploratória que o cuidado alimentar é um aspecto relevante do movimento alternativo e que seus participantes fazem uso de dietas específicas.

Tal fato não apenas é percebido por meio dos textos acadêmicos citados, ou pelo contato com os participantes do movimento alternativo. Este também se reflete nas estantes das livrarias em livros como: *A culinária da nova era* (BONTEMPO, 1994), *A arte da cura pela alimentação* (PEREIRA, 1999), *Emagrecendo pelo poder do espírito* (COPUDILUPO, 2002), *Dieta Tao* (CHUANG, 2002), *A dieta do Yin e do Yang* (CURVO, 1998), *A energia da dieta dos sucos* (SERURE, 1997), *A dieta do seu tipo sanguíneo* (D'ADAMO, 2002), *Gastronomia mágica para o amor* (NOGUEIRA, 2002), presentes nas classificações “esotéricos e auto-ajuda”, “medicina e saúde – dietas”, “nutrição” e “gastronomia – culinária”. Ademais, muitos sites na internet fornecem regras para dietas alimentares do universo alternativo, como é o caso de *Macrobiótica*, *Diplomacia Vegan* e *Medicina Natural*.

Portanto, o cuidado com a alimentação se mostra como uma regularidade entre os integrantes do movimento alternativo. Ora, se a natureza da religiosidade estudada é heterogênea, ao menos aparentemente a opção de seu integrante por sua alimentação também se apresenta da mesma forma: as preferências alimentares se voltam para diferentes dietas quer sejam vegetariana, macrobiótica, *ayurvédica*, orgânica, entre outras. Enfim, no múltiplo universo alternativo, as opções alimentares também são múltiplas mas apontam para um normas e regras internas com propósitos interessantes que devo atingi-los com o desenvolvimento de meu estudo.

Referências Bibliográficas.

ALBUQUERQUE, L.M.B. As invenções do corpo: modernidade e contramodernidade. **Motriz**, v.7, n.1, p.33-9, 2001.

_____. Estrutura e dinâmica dos novos movimentos religiosos. In: SOUZA, B.M., MARTINO, L.M.S. **Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004.

AMARAL, L. As implicações éticas dos sentidos Nova Era de comunidade. **Religião e Sociedade**, v.17, n.1-2, p.54-74, 1996.

_____. Sincretismo em Movimento: o estilo Nova Era de lidar com o sagrado. In: VIII JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA, 1998, São Paulo. [disponível em www.sociologia-usp.br/jornadas/papers, 1998]

_____. **Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BARROSO, M.M. “Deus é diferente mas não é desigual de mim”: a produção da imanência nas práticas de meditação da Siddha Yoga. In: VIII JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA, 1998, São Paulo. [disponível em www.sociologia-usp.br/jornadas/papers, 1998]

BAUMAN, Z. Religião pós-moderna? In _____. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CARNEIRO, H. **Comida e sociedade: uma história da alimentação**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

CAROZZI, M.J. Nova Era: a autonomia como religião. In: CAROZZI, M.J. (org) **A Nova Era no Mercosul**. Petrópolis: Vozes, 2000.

COLLAÇO, J.H.L. **Restaurantes de comida rápida: soluções à moda da casa – Representações do comer em restaurantes de “comida rápida” em praças de alimentação em shopping-centers**. Dissertação. (Mestrado em Antropologia) 201f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 2003.

CONNOR, S. **Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo**. São Paulo: Loyola, 1993.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DOUGLAS, M., ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. v.1. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FLANDRIN, J-F. MONTANARI, M. (orgs) **História da Alimentação**. 4 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

GUERRIERO, S. A visibilidade das novas religiões no Brasil. In: SOUZA, B.M., MARTINO, L.M.S. **Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004.

HEELAS, P. A Nova Era no contexto cultural: pré-moderno, moderno e pós-moderno. **Revista Religião e Sociedade**. v.17, p. 15-32, 1996.

LÉVI-STRAUSS, C. O feiticeiro e sua magia. In _____. **Antropologia estrutural**. v.1. 6ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

_____. A eficácia simbólica. In _____. **Antropologia estrutural**. v.1. 6ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

_____. **O cru e o cozido**. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

LIMA, V.C. Para uma Antropologia da alimentação. **Revista Alteridades**. n.2, 1995.

MAGNANI, J.G.C. Esotéricos na cidade: os novos espaços de encontro, vivência e culto. **São Paulo em Perspectiva**. v.9, 1995. p.66-72.

_____. **Mystica Urbe**: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MARTINS, P.H. As terapias alternativas e a libertação dos corpos. In: VIII JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA, 1998, São Paulo. [disponível em www.sociologia-usp.br/jornadas/papers, 1998]

MINTZ, S.W. Comida e Antropologia: uma revisão. **Revista de Ciências Sociais**, n.47, v.16, 2001. p.31-42.

RONDINELLI, P. A face encantada da cultura corporal alternativa. **Motriz**. v.7, n.1, 2000.

_____. **Entre a deusa e a bailarina**: a polifonia cultural da dança do ventre. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Motricidade) 97f. Instituto de Biociências – Universidade Estadual Paulista, 2002.

ROSENEAU, P. Modern and Post Modern Science: some contrasts. **Review – Fernand Braudel Center**. v.15, n.1, p.49-89, 1992.

RUSSO, J. **O corpo contra a palavra**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

SAVARIN, B. **A fisiologia do gosto**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SOARES, L.E. Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil. In: LANDIM, L. (org) **Sinais dos tempos, tradições religiosas no Brasil**. ISER, 1989.

TAVARES, F.R.G. “holismo terapêutico” no âmbito do movimento Nova Era no Rio de Janeiro. In: VIII JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA, 1998, São Paulo. [disponível em www.sociologia-usp.br/jornadas/papers, 1998]

Fontes.

a) livros:

- BONTEMPO, M. **A culinária da Nova Era**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.
- CHUANG, K.T. **A dieta do Tao**. 3 ed. São Paulo: Master Book, 2002.
- COPODILUPO, L. **Emagrecendo pelo poder do espírito**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- CURVO, J. **A dieta do Yin e do Yang**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- D'ADAMO, P. **A dieta dos tipos sangüíneos**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- NOGUEIRA, M.F. **Gastronomia mágica para o amor: receitas e rituais**. São Paulo: Anablume, 2002.
- PEREIRA, G. **A arte da cura pela alimentação**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SERURE, P. **A energia da dieta dos sucos: como desintoxicar, fortalecer o corpo e a mente**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

b) sites:

- Casa Gourmet – [disponível em www.casagourmet.com.br, 2005]
- Macrobiótica – [disponível em www.brazil.skepdic.com/macrobiotica.html, 2004]
- Medicina Natural – [disponível em www.gerolimich.hpg.com.br/med/macro/macro01.htm, 2004]
- Receitas Vegetarianas – [disponível em www.comezainas.clix.pt/receitas, 2004]
- Dieta Vegan – [disponível em www.vegetarianismo.com.br/diplomaciavegan, 2004]
- Spa holístico Viktoria Garten - [disponível em http://www.spashop.com.br/nossos_spas_viktoria_garten.htm, 2005]
- Spa holístico Chácara das Rosas - [disponível em <http://www.chacaradasrosas.com.br>, 2005]